



Escrita científica em inglês para investigadores da área da psicologia e da educação: Orientações e recursos úteis

Scientific writing in English Language for psychology and education researchers: Orientations and useful resources

Daniel Ruivo Marques

Universidade de Aveiro, Departamento de Educação e Psicologia
CINEICC – Centro de Investigação em Neuropsicologia e Intervenção Cognitivo-Comportamental,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal
drmarques@ua.pt

Patrícia Christine Silva

Universidade de Aveiro, Departamento de Educação e Psicologia
CIDTFF – Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores,
Universidade de Aveiro, Portugal
christine.silva@ua.pt

Resumo

A publicação de artigos científicos em revistas especializadas é, atualmente, o veículo privilegiado para a disseminação da investigação científica. Ainda assim, muitos investigadores sentem receio e insegurança quando são solicitados a redigir artigos em inglês, principalmente os mais inexperientes no uso desta língua na escrita. Este artigo destina-se a investigadores, sobretudo das áreas da psicologia e da educação, que pretendam iniciar ou consolidar a sua escrita científica em inglês, e tem como objetivos centrais, por um lado, sensibilizá-los para a pertinência e a importância de publicarem os seus trabalhos em língua inglesa e, por outro, fornecer-lhes algumas orientações práticas e dicas úteis para serem bem-sucedidos nessa demanda. Para tal, iremos procurar desconstruir alguns mitos relacionados com a escrita científica em inglês e, posteriormente, iremos apresentar alguns exemplos de expressões frequentemente utilizadas em textos científicos naquelas áreas.

Palavras-chave: Escrita científica; inglês; psicologia; educação; artigos.

Abstract

The publication of scientific articles in specialized journals is currently the privileged vehicle for the dissemination of scientific research. Nevertheless, many researchers struggle with fears and insecurities when asked to write articles in English, especially those who are less experienced in writing in this language. This article is aimed at researchers, especially those in the fields of psychology and education, who intend to start or consolidate their scientific writing in English. The main objectives are, on the one hand, to help the researchers become aware of the relevance and importance of publishing their manuscripts in English and, on the other hand, to provide them with some practical





guidance and useful tips to successfully reach their goal. To this end, we will seek to deconstruct some myths associated to scientific or academic writing in English and, later, we will present some examples of frequently used expressions in scientific texts, particularly related to the mentioned fields.

Keywords: Scientific writing; English language; psychology; education; scientific papers.

Résumé

La publication d'articles scientifiques dans des revues spécialisées est actuellement le vecteur privilégié de diffusion de la recherche scientifique. Même ainsi, de nombreux chercheurs ressentent de la peur et de l'insécurité lorsqu'on leur demande d'écrire des articles en anglais, en particulier les moins expérimentés dans l'utilisation de cette langue par écrit. Cet article s'adresse aux chercheurs, notamment dans le domaine de la psychologie et de l'éducation, qui ont l'intention de débiter ou de consolider leur rédaction scientifique en anglais, et vise, d'une part, à les sensibiliser à la pertinence et à l'importance de publier leurs travaux en anglais et, d'autre part, leur fournir des conseils pratiques et des conseils utiles pour réussir dans cette demande. À cette fin, essayez de déconstruire certains mythes liés à l'écriture scientifique en anglais et, éventuellement, présentez quelques exemples d'expressions utilisées dans des textes scientifiques dans ces domaines.

Mot-clés: Rédaction scientifique; anglais; psychologie; education; articles .

Introdução

Na atualidade, é cada vez mais solicitado aos investigadores que divulguem os seus trabalhos científicos a nível internacional, tornando-se para isso necessário que os seus textos sejam redigidos em língua inglesa (Neves & Guerra, 2015; Schuster et al., 2014). Esse é, para muitos investigadores, um desafio evidente, sobretudo porque não são falantes nativos de inglês, como é o caso da maioria dos autores portugueses e brasileiros (Hesson, 2015; Marlow, 2014). Com este artigo, pretendemos fornecer dicas e orientações úteis para facilitar a redação de artigos em língua inglesa, particularmente, na área da psicologia e da educação (ainda que o conteúdo deste trabalho não se esgote apenas nestas áreas). Para tal, sugerimos algumas estratégias práticas que resultam simultaneamente da revisão da literatura sobre a temática da escrita científica e da nossa própria experiência enquanto autores (que publicam maioritariamente em inglês), enquanto revisores de revistas internacionais da área da psicologia e da educação e enquanto docentes e orientadores de trabalhos científicos. Este artigo inspira-se num formato de guião, tendo como destinatários principais estudantes de mestrado e investigadores juniores. Espera-se que constitua uma ferramenta de trabalho útil quer para os estudantes quer para os seus orientadores.

1. Escrita científica (em inglês)

A escrita científica distingue-se dos outros tipos de escrita por diversas razões. Uma delas é pela sua peculiaridade de ser restrita e confinada, maioritariamente à comunidade de





investigadores (Lindsay, 2011). É também, comumente, utilizada na comunicação e partilha de investigações e resultados decorrentes delas, isto é, do conhecimento científico (Oliveira et al., 2009). No campo da investigação, a escrita é uma tarefa obrigatória, justificada pela intenção de retribuir à comunidade os resultados obtidos (Lindsay, 2011), sendo os artigos científicos um dos meios privilegiados para a disseminação dos mesmos.

Apesar de não existirem regras estanques para a escrita científica (Guilford, 2001), trata-se de um tipo de escrita que privilegia frases simples e claras, ainda que exigente, obedecendo a uma estrutura específica (Ädel & Erman, 2011; Skern, 2009). No caso da psicologia e da educação, são seguidas, habitualmente, as normas da *American Psychological Association - APA* (2020). Destaca-se a clareza das ideias a transmitir e a precisão no discurso (Blackwell & Martin, 2011; Lindsay, 2011). São vários os estudos que demonstram a dificuldade por parte dos investigadores menos experientes em dominar este tipo de escrita, refletindo-se no escasso número de publicação de artigos (Guilford, 2001; Singh & Mayer, 2014). Quando existe um desfasamento entre a qualidade do processo de investigação e a qualidade da escrita, esta última compromete a investigação no seu todo pela falta de capacidade do autor de descrever o processo de investigação convenientemente (Miller, 2014; Schuster et al., 2014).

A esta complexidade acresce a pressão e importância de publicar em revistas internacionais com fator de impacto, exigindo a maior parte das vezes a publicação em língua inglesa. Esta realidade soma-se àquilo que é conhecido na literatura como o paradigma “*publish or perish*”. Genericamente, refere-se à pressão sentida pelos professores e investigadores para publicar em quantidade, dado que é o mais valorizado em detrimento, muitas vezes, da qualidade de outras funções associadas ao seu trabalho, como a docência, por exemplo (Rawat & Meena, 2014). Esta situação torna-se, deste modo, desafiadora para os autores não nativos de língua inglesa (Blackwell & Martin, 2011), causando uma notória insegurança por não dominarem aquela língua (Paltridge, 2004). Apesar da dificuldade associada a este processo, trata-se de uma competência que pode e necessita de ser desenvolvida e aperfeiçoada. Na verdade, para alguns autores, escrever academicamente em inglês não torna necessariamente os falantes nativos de inglês numa vantagem assim tão significativa, dado que a escrita académica tem características próprias que exigem aprendizagem quer de nativos quer de não nativos (Hyland, 2016; Zhao, 2017). Para muitos linguistas, dever-se-ia falar em “primeira” e “segunda” línguas e não tanto em falantes “nativos” e “não nativos” (Hyland, 2016). Isto porque habitualmente se consideram falantes nativos os indivíduos que nasceram em países como os Estados Unidos da América, a Inglaterra, Austrália ou o Canadá. No entanto, surgem dúvidas quanto à classificação de outros grupos como o de crianças que nasceram noutro país, mas que frequentaram uma escola bilingue, por exemplo (Clemens, 2021). Uma reflexão crítica mais aprofundada sobre a “hegemonia” do inglês na escrita académica pode ser consultada em Ammon (2012), Araújo e Sá e Pinto (2020), Bennet (2015), Hamel (2007), Ludi (2015) e Pinto e Araújo e Sá (2020).

2. Principais vantagens da escrita científica em inglês

O inglês constitui a língua oficial da ciência (Rezaeian, 2015). Segundo Skern (2009), isso deve-se a razões históricas (Tardy, 2004). Nesta secção irá focar-se as principais razões que deverão levar o investigador a publicar os seus trabalhos em língua inglesa.



2.1. *Amplitude das investigações*: esta é uma das razões principais e mais fortes, dado que se a publicação for feita em inglês, qualquer leitor (investigadores, clínicos, professores, educadores, etc.), em teoria, deverá conseguir ler o trabalho. Neste caso, o investigador não se encontra restrito apenas aos falantes da sua língua (caso não seja o inglês);

2.2. *Reconhecimento na área científica*: publicar em inglês em revistas de circulação internacional torna o investigador conhecido no seu domínio de investigação, trazendo-lhe oportunidades de colaboração (*networking*) com equipas de investigação internacional que se dediquem aos mesmos temas de estudo (Silvia, 2015);

2.3. *Exigência da maioria das revistas que os artigos sejam publicados em inglês*: as principais revistas das áreas científicas da psicologia e da educação exigem que as submissões sejam feitas em inglês, independentemente do país de origem da revista. A título de exemplo, no que respeita a revistas portuguesas, refira-se o caso da “Análise Psicológica”, uma publicação periódica da chancela do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) que, recentemente, definiu que as submissões deverão ser feitas exclusivamente com manuscritos redigidos em língua inglesa (<http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap>) tal como a revista “Psicologia” publicada pela Associação Portuguesa de Psicologia (<https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/index>);

2.4. *Possibilidade de publicar em inglês em revistas portuguesas*: A maior parte das revistas portuguesas, por exemplo, aceita também submissões em inglês. De referir que existem revistas portuguesas na área da psicologia e da educação que estão indexadas nas principais bases de dados internacionais e, como tal, mesmo que o investigador opte por publicar numa revista portuguesa, será viável e conveniente que escreva em inglês;

2.5. *Potencialidade para ser revisor ad hoc e/ou membro do corpo editorial de publicações periódicas*: o facto de o investigador (pelo menos) submeter os seus trabalhos para revistas internacionais faz com que tenha uma probabilidade significativa de ser contactado pelos editores das revistas para servir como revisor no futuro, mesmo que o autor nunca tenha publicado qualquer artigo nessas mesmas revistas;

2.6. *Aperfeiçoamento de uma competência*: à semelhança do que acontece em outras línguas, o facto de se escrever em inglês de maneira sistemática e exaustiva torna o investigador mais proficiente; esta é uma competência que se treina e que melhora à medida que se vai escrevendo e lendo cada vez mais em inglês (Zhao, 2017).

3. Obstáculos à escrita científica em inglês: Quatro mitos

De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa (2015), um mito pode ser uma “ideia que é geralmente aceite, mas que não corresponde à realidade” (p. 525). De facto, existem cognições frequentes que os estudantes e os investigadores mais inexperientes têm e que, em rigor, constituem mitos que deverão ser desconstruídos em relação à escrita científica em inglês.



Mito #1. “Preciso de ser nativo em inglês para publicar artigos científicos em inglês!”

A ideia de que escrever em inglês é exclusivo aos nativos é provavelmente uma das ideias mais enraizadas e mais comuns nos investigadores. Será razoável pensar que um autor falante nativo de inglês estará em condições privilegiadas para escrever em inglês (Zhao, 2017). No entanto, como mais adiante iremos explicar, não é necessário ser nativo para escrever bem e de forma compreensível em inglês (Clemens, 2021). De acordo com Lindsay (2011), a linguagem científica caracteriza-se por ser objetiva e sucinta, construída recorrendo a frases simples (Skern, 2009). Nesse sentido, o nível de inglês que é exigido a um investigador em ciência não poderá ser o nível exigido a um autor que escreva um texto literário em língua inglesa, por exemplo. Como será explicitado oportunamente, existem estratégias que permitem escrever de maneira correta e clara em inglês e que não exigem um nível aprofundado de inglês.

Mito #2. “Ou se nasce com a capacidade ou nada feito!”

A questão do “inato vs. adquirido” reporta-se a um debate clássico em psicologia (Gottesman & Hanson, 2015). Escrever (ou falar) em inglês, ou em qualquer outra língua estrangeira, não representa uma competência apenas disponível aos indivíduos que nascem com um “talento específico para as línguas”. Existem indivíduos que, de facto, poderão mostrar uma predisposição para este tipo de competências, no entanto, tal não significa que esta seja uma condição dicotómica de “tudo ou nada” (Mamiya et al., 2016). O mesmo se poderia dizer em relação a outras capacidades como, por exemplo, a proficiência em tocar um instrumento musical, como o piano. Existem indivíduos que aprenderão mais facilmente ao passo que outros precisarão, eventualmente, de mais tempo para consolidar essa aprendizagem. No fundo, torna-se necessária uma modificação de mentalidade (*mindset*). Dweck (2006), define dois tipos de mentalidade que caracterizam, genericamente, teorias implícitas da inteligência: a mentalidade fixa (*fixed*) e a mentalidade de crescimento (*growth*). A primeira assume que o nível de competências de um indivíduo é inato, fixo, estável e que o esforço é inútil, ao passo que a última assume que a competência requer esforço e aprendizagem e que cada fracasso é visto como uma oportunidade para o sucesso.

Mito #3. “Tenho de estar motivado para escrever em inglês!”

A psicologia, sobretudo a de cariz mais comportamentalista (*behaviorista*), tem demonstrado ao longo da história que a motivação para realizar alguma atividade surge a partir da ação (Silva et al., 2008; Todorov & Moreira, 2015). Se se analisar as recomendações para o tratamento das perturbações depressivas, compreende-se que a ativação comportamental (*behavioral activation*) – estratégia de primeira linha para o tratamento desta casuística – precede a motivação (Turner & Leach, 2012). Será com base no feedback das ações que surge aquilo a que se convencionou chamar “motivação” (Todorov & Moreira, 2015). A ideia de estar à espera que a motivação surja no indivíduo para que





apenas depois se proceda à ação – neste caso, à escrita propriamente dita – é uma crença limitadora. Deste modo, pode afirmar-se que a motivação para escrever em inglês surgirá à medida que se começar a escrever em inglês (cf. Ponto 4). Alguns autores, no âmbito da escrita académica, definem esta mobilização para a ação como “*butt in the chair technique*” (Neves & Guerra, 2015).

Mito #4. “Sempre fui habituado a escrever em português, agora não consigo mudar!”

O mito de que quem foi habituado a escrever na sua língua nativa (que não o inglês) e que, por isso, agora não consegue escrever em inglês é tendencialmente associado aos investigadores mais seniores. É verdade que grande parte dos investigadores portugueses na área da psicologia e da educação foram fazendo os seus percursos académicos publicando em revistas portuguesas. No entanto, a globalização e os avanços tecnológicos que se deram nas últimas décadas mudaram significativamente o panorama científico. Consequentemente, hoje em dia, os trabalhos publicados em revistas internacionais que tenham o inglês como principal língua são a regra a privilegiar principalmente pelo alcance da disseminação das investigações; para além disso, os autores/investigadores são avaliados de acordo com a sua produção científica neste tipo de publicações periódicas para efeitos de progressão de carreira, avaliação de desempenho e candidaturas a projetos de investigação e concursos para vagas profissionais. Existem, entre outros, três motivos para contrariar este mito: (1) em virtude da proliferação de artigos publicados em inglês, abrangendo as diversas áreas do conhecimento, é consensual afirmar que ler em inglês é uma das competências fulcrais no campo académico para se escrever em inglês; (2) a neuroplasticidade ou a capacidade para o cérebro se alterar estrutural e funcionalmente em função da experiência e que não é característica apenas das idades mais precoces como anteriormente se acreditava (Macdonald et al., 2017); e (3) sendo que a escrita científica é simples, como tal, pode ser construída baseada em algumas expressões e vocábulos que são massivamente utilizados em artigos publicados em inglês, como será ilustrado no ponto 5 deste trabalho.

4. Orientações práticas para a redação e submissão de manuscritos

A próxima secção sistematiza treze práticas que o investigador poderá adotar para facilitar a escrita de artigos em inglês. No entanto, estas são também estratégias transversais ao processo de escrita no geral.

#1. Ser organizado

Quando se planeia a escrita de um artigo científico, visando a submissão a uma revista internacional, é importante que o investigador seja disciplinado e metódico (Miller, 2014). Uma das principais estratégias que nos tem ajudado na preparação de manuscritos passa por: (1)



criar uma pasta por cada artigo em que se esteja a trabalhar; (2) criar, dentro da pasta referente a cada artigo, documentos separados por cada secção de submissão – isto é, podemos ter um documento chamado “Title Page”, outro “Main Manuscript”, outro “Table 1” e assim sucessivamente. Esta metodologia tem a vantagem de permitir ao autor trabalhar nos documentos em formato de submissão exigido nas plataformas das revistas e, por outro lado, tem uma forte componente auto-motivacional, na medida em que dá uma noção da porção de trabalho já realizado, funcionando como um documento autorregulador. Na prática, acaba por ajudar a atenuar os “bloqueios” típicos do autor e que, frequentemente, este último tende a associar à falta de “inspiração” (Silvia, 2007).

#2. Escrever regularmente

Diversos autores têm indicado que o aspeto mais importante da escrita científica se prende com a regularidade e a rotina e não tanto com a escrita enquanto processo que ocorre quando se está inspirado ou motivado (Silvia, 2007). Para além da regularidade, um outro aspeto essencial é escrever sem preocupações de editar ou corrigir o texto simultaneamente (Neves & Guerra, 2015; Silvia, 2007). É imprescindível que o investigador escreva regularmente (e.g., diariamente) durante um período estipulado previamente e, se possível, que abranja o período em que este se sente no pico das suas capacidades cognitivas, isto é, respeitando o seu cronótipo (Rosnow & Rosnow, 2012). Este último refere-se a características individuais associadas aos ritmos circadianos. Uma das dimensões do cronótipo diz respeito à preferência dos indivíduos para realizar determinadas atividades em momentos específicos do dia. Habitualmente, distinguem-se os tipos matutinos, vespertinos e intermédios (Roenneberg, 2012).

#3. Ler regularmente artigos em inglês da(s) respetiva(s) área(s) de investigação

Por mais simples que possa parecer esta dica, ela é uma das mais importantes e que melhor prediz a escrita com sucesso dos investigadores. Da mesma maneira que um indivíduo português escreverá melhor se for um leitor regular de textos em português, o mesmo se aplica no domínio académico. A realização de leituras constantes e sistemáticas fará com que o autor se familiarize com os principais vocábulos e construções sintáticas mais utilizadas (Miller, 2014; Neves & Guerra, 2015).

#4. Criar uma tabela personalizada com termos frequentes

Uma das estratégias mais úteis para quem está a iniciar a escrita científica em inglês – e mesmo para quem tem já alguma experiência na publicação de artigos em inglês – diz respeito à criação de tabelas personalizadas. Esta estratégia está fortemente relacionada com a estratégia anterior. Após leituras regulares de artigos em inglês publicados na área de interesse do autor e nas principais revistas-alvo, o investigador começará a perceber que existem expressões e palavras



que surgem frequentemente nestes trabalhos. Quando o leitor encontrar estas “redundâncias” deverá anotá-las, assim como o seu significado. Este processo possibilitará ao investigador construir uma base de dados personalizada e adaptada aos seus domínios de investigação que o ajudará aquando do processo de redação do seu trabalho. Estas tabelas, que se pretende que sejam regularmente atualizadas e ampliadas, vão constituir um instrumento indispensável para o autor. No fundo, trata-se de uma análise qualitativa informal aos textos em inglês que vai lendo (cf. Ponto 7).

#5. Adiantar o que se puder adiantar

Uma das principais metodologias que privilegiamos quer em trabalhos da nossa autoria quer em orientações de estudantes é a organização e planificação dos conteúdos. Na prática, significa que todos os elementos do artigo que puderem ser adiantados deverão sê-lo (Neves & Guerra, 2015). Tomando o exemplo dos estudantes de mestrado, é habitual que estes guardem determinadas secções do seu trabalho para as datas-limite de entrega, juntando nesses últimos dias ou semanas o trabalho que não poderia ter sido realizado antes com tarefas que poderiam ter sido elaboradas previamente (e.g., formatação de tabelas, ideias-chave da discussão que não necessitam da análise de dados, etc.). É fundamental que os estudantes saibam rentabilizar estrategicamente estes momentos nos quais estão “parados” no processo de investigação por estarem à espera de autorização de pareceres de conselhos de ética ou de autorização de autores para utilizar um determinado instrumento de recolha de dados (Rosnow & Rosnow, 2012).

#6. Fomentar “*Networking*” e apostar em revisões especializadas

Na escrita científica, é habitual que os artigos sejam escritos em coautoria, sendo que essa coautoria pode resultar da criação de redes de contactos entre investigadores. No entanto, é muito importante que os esboços (*drafts*) dos artigos assim como as versões finais dos textos sejam revistos por pessoas fora da área académica dos autores e com conhecimentos da língua inglesa, mesmo que não muito aprofundados (Neves & Guerra, 2015; Sílvia, 2015). Lembremos que a escrita científica em inglês (e no geral) é uma escrita constituída por frases curtas e simples e com vocabulário objetivo. Excluindo as partes mais técnicas, o texto deverá poder ser lido e percebido por qualquer leitor (Miller, 2014). Adicionalmente, é cada vez mais importante que os investigadores prevejam no âmbito dos seus projetos de investigação, por exemplo, orçamento dedicado a tarefas de revisão e tradução especializadas.

#7. Conhecer a revista e as normas de publicação

É importante que o investigador estude aprofundadamente as revistas para onde deseja submeter o seu trabalho (Sílvia, 2007). De especial importância é a leitura da secção referente às



“instruções aos autores” que diversas vezes é negligenciada, o que causa atrasos desnecessários na revisão do artigo (Marlow, 2014) e, conseqüentemente, na publicação do mesmo (Miller, 2014).

#8. Ser moderadamente desconfiado dos *softwares* informáticos

Enquanto investigadores, somos frequentemente sensibilizados para a utilidade dos programas de gestão de referências bibliográficas (e.g., Mendeley™, Endnote™, Zotero™, entre outros). De facto, estes programas facilitam a morosa tarefa de elaborar as referências de forma manual. Por outro lado, têm uma outra vantagem inegável, pois permitem mudar automaticamente o estilo de referências consoante a revista para a qual o investigador pretende submeter o seu trabalho, o que facilita o processo de formatação e de organização das referências (Sarah et al., 2019). No entanto, é frequente que os investigadores mais jovens confiem “cegamente” nas “decisões” que o software toma, não obstante haver, na maior parte das vezes, a necessidade de corrigir o *output* do programa.

#9. Antecipar o fator “novidade”

Quando se inicia um projeto de investigação, parte-se do pressuposto de que os investigadores vão acrescentar algo de novo ao estado da arte na sua área científica. Uma das estratégias que pensamos ser de particular utilidade para o investigador que dá os seus primeiros passos na investigação e, em particular, na escrita científica em inglês, será a de encontrar revistas internacionais que privilegiem ideias novas de investigação, que deem espaço para o debate de hipóteses e ideias que poderão ser investigadas no futuro ou que estejam já a decorrer, mas sem resultados ainda oficialmente divulgados. Este tipo de artigo permite que o investigador defenda oficialmente a ideia do seu projeto (e.g., mestrado, doutoramento), tendo simultaneamente a oportunidade de receber *feedback* dos revisores, assim como fazer uma publicação em “*full-text*” do seu projeto de investigação mesmo ainda antes de ter dados para apresentar. Outra possibilidade passa por escrever as ideias do projeto de investigação em formato de “editorial” ou em “carta ao editor”, consoante as normas estabelecidas por cada publicação periódica.

#10. Priorizar e hierarquizar as revistas “alvo”

Uma outra estratégia prática e eficiente passa por selecionar *a priori* três revistas para as quais se pretende submeter o trabalho e hierarquizá-las, seguindo a lógica de enviar para a revista mais forte em termos de fator de impacto ou outros indicadores similares. Pode revelar-se muito útil nesta etapa utilizar algumas ferramentas como o Journal Suggester da SpringerNature (<https://journalsuggester.springer.com>), o Journal Finder da Elsevier (<https://journalfinder.elsevier.com/>), o Journal Finder da Wiley (<https://journalfinder.wiley.com/search?type=match>) ou



o InCites Journal Citation Reports da Clarivate Analytics (<https://jcr.clarivate.com/JCRJournalHomeAction.action>), que auxiliarão o investigador a escolher as revistas mais adequadas para a submissão do manuscrito. Neste sentido, existem campos obrigatórios a preencher: título, área científica, resumo e palavras-chave sendo que com essa informação é feita uma filtragem criteriosa, resultando em sugestões de revistas pertinentes. Também nesta linha, refira-se a ferramenta PoolText™ (cf. Ponto 8).

#11. Procurar formação

De forma a complementar o seu nível de inglês, será importante que o investigador invista em formação, nomeadamente em cursos de inglês. Estes cursos podem assumir a forma de cursos gratuitos disponibilizados a partir de várias plataformas, sítios e aplicações na internet, assim como cursos livres que algumas instituições de Ensino Superior disponibilizam, tais como a oportunidade de frequência de cursos livres de línguas (e.g., Universidade de Aveiro, Universidade Lusófona, Universidade de Coimbra, Universidade de Lisboa). Destacamos, ainda, os cursos certificados com obtenção de grau de domínio da língua (e.g., IELTS, Londonschool, Cambridge e EF – Education First). Por fim, existem canais de YouTube, por exemplo, que se poderão revelar também muito úteis.

#12. Assumir, por defeito, que o artigo será rejeitado

Uma das atitudes mais adaptativas quando se elabora um artigo é assumir, por defeito, que este será rejeitado (Silvia, 2007). Este é, de facto, o cenário mais provável, principalmente se o investigador tiver como alvo as revistas com uma taxa de aceitação baixa (Silvia, 2015). Este “*mindset*” servirá para desconstruir a ideia de que quando se elabora um artigo este vai ser publicado na primeira revista para a qual for enviado. O investigador deve encarar as rejeições como acontecimentos normativos e formativos do seu percurso enquanto investigador e do percurso dos próprios artigos. Se as suas ideias estiverem confusas em português, provavelmente também estarão confusas em inglês. Muitos artigos são rejeitados apenas porque saem fora do escopo editorial da revista naquele momento, ou por que existe um elevado número de submissões, tendo os editores de estabelecer critérios de aceitação mais rígidos. Assim, o facto de o artigo ser rejeitado não significa impreterivelmente que o artigo é mau ou de pouco interesse para a comunidade científica. Para além disso, um dos comentários mais frequentes dos revisores é o de que o inglês deverá ser revisto. De acordo com a nossa experiência, isto poderá ocorrer por duas razões: (1) é um comentário já standardizado e quase “obrigatório” nas suas revisões mesmo que o artigo esteja bem redigido e, nesse caso, há que responder justificadamente por que razão não se concorda com esse comentário (e.g., houve uma revisão feita por um nativo previamente à submissão, etc.); e (2) o facto de o artigo ter sido revisto por um autor nativo em inglês não faz com que

obrigatoriamente o artigo esteja bem redigido (tal como, por exemplo, no caso dos autores portugueses, o facto de serem autores nativos portugueses não faz com que obrigatoriamente estes escrevam bem na sua própria língua materna) e, nesse caso, a crítica é fundamentada. Acontece também, frequentemente, que os próprios editores e revisores sugiram correções eles mesmos ao inglês escrito (quando são correções menores), facilitando este processo. Por fim, é importante referir que grande parte das vezes, o lapso temporal que vai da submissão do manuscrito até à sua aceitação para publicação poderá ser muito longo, podendo, por vezes, ultrapassar um ano.

#13. Organizar e sistematizar conceitos-chave

É sabido que, para uma área específica de investigação, é-lhe inerente um conjunto de conceitos-chave que, por norma, não são de origem portuguesa. Com o objetivo de acautelar a utilização ou associação incorreta de conceitos que aparentemente parecem ter o mesmo significado, sugere-se, por exemplo, a construção de um mapa de conceitos (Rosnow & Rosnow, 2012). Esta prática aprimorada garante uma organização congruente com conceitos-chave e as respetivas relações hierárquicas entre eles na língua original, evitando possíveis erros concetuais. A título de exemplo, na área da educação, quando associamos a componente lúdica, podemos referir a diversos termos que, ainda que possam parecer sinónimos, em rigor, não o são. Os *serious games*, por exemplo, são videojogos com um fim educativo, tratando-se, portanto, de uma atividade educativa onde se recorre às tecnologias digitais. A *gamification*, por sua vez, não implica a utilização das tecnologias digitais, tratando-se de uma característica de um tipo de ensino baseado nas mecânicas e características do jogo. Neste sentido, surge o conceito “*Game-Based Learning*”, um construto mais abrangente do que os demais que se distingue pela usabilidade efetiva de jogos, sejam eles digitais ou não, no processo de ensino (cf. Figura 1). Esta distinção de conceitos, e associação com as suas possíveis traduções, é essencial para uma clarificação concetual.

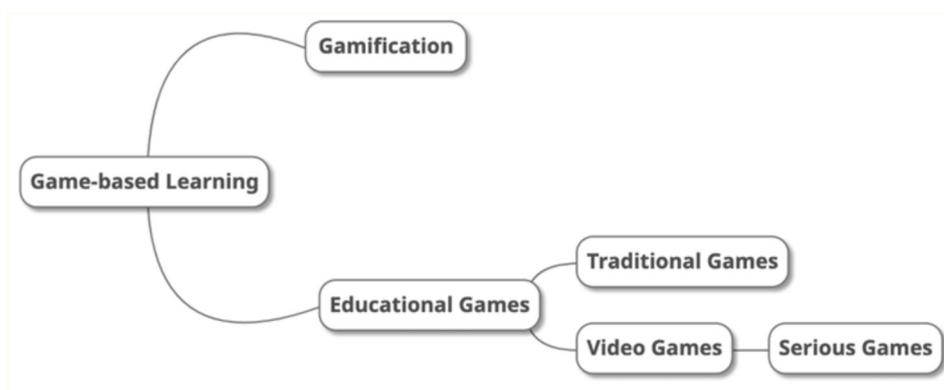


Figura 1. Mapa de conceitos-chave



5. Recursos linguísticos úteis para desenvolver um artigo científico em inglês

Silvia (2007) refere, com humor, que “writing a journal article is like writing a screenplay for a romantic comedy: You need to learn a formula” (p. 78). De facto, a escrita de um artigo científico de cariz empírico obedece a uma estrutura que está relativamente bem definida e estandardizada (Rosnow & Rosnow, 2012). Como já referido anteriormente, no caso da psicologia e da educação, esta estrutura segue tradicionalmente as normas da APA (American Psychological Association [APA], 2020). Nesta secção, apresentamos essa estrutura com exemplos de palavras e expressões em inglês que são frequentemente utilizadas pelos autores (Hesson, 2015; Marlow, 2014).

5.1. Carta de apresentação (*Cover Letter*) – Regra geral, a carta de apresentação é um dos documentos a que menos importância se dá; todavia, ela pode representar o sucesso ou insucesso da submissão, isto é, se o editor se interessa ou é convencido pelo autor em relação à relevância do artigo; em caso positivo, o editor iniciará o processo da escolha dos revisores. Geralmente, as cartas de apresentação começam com “*Dear Editor* (ou o nome do editor)” e deverão focar três aspetos essenciais: (1) identificação do artigo que é submetido; (2) apresentação de argumentos a favor da potencial publicação do artigo naquela revista, assim como a importância do estudo para a área científica em questão e (3) um agradecimento ao editor pela atenção e tempo despendidos com a submissão.

5.2. Página de título (*Title Page*) – A página de título é frequentemente escrita separada do manuscrito de forma a assegurar que a identificação dos autores não seja revelada aos revisores (*double-blind peer review*). Nesta página, é indicado o título do manuscrito, os nomes dos autores e respetivos endereços institucionais assim como os contactos detalhados do autor responsável pela correspondência relativa ao artigo. Por vezes, pode também ser solicitado, consoante a revista, que se indique outros aspetos como os agradecimentos, declaração de conflitos de interesse, contagem do número de palavras do manuscrito, entre outros.

5.3. Resumo (*Abstract*) – O resumo deve ser elaborado cuidadosamente, dado que é o que vai incitar o leitor a interessar-se ou não pelo estudo. Existem revistas que exigem que se faça um resumo estruturado (e.g., “*background*”, “*objectives*”, “*methods*”, “*results*”, “*conclusion*”) e outras que não o requerem. O resumo é acompanhado por um conjunto variável de palavras-chave (*key-words*) que deverão refletir os tópicos fundamentais onde o trabalho se insere. Nas revistas que não exigem um resumo estruturado, é importante que o autor tenha ainda assim os tópicos presentes, uma vez que tal ajuda na concretização dos aspetos essenciais da investigação a incluir no resumo.

5.4. Introdução (*Introduction*) – A introdução dos artigos, por norma, não vem explícita como um tópico, ainda que algumas revistas o exijam. Geralmente, nesta secção descrevem-se aspetos de revisão da literatura que fundamentem o estudo que doravante se vai apresentar. Na parte final da introdução, poderão apresentar-se hipóteses (se fizer sentido), assim como o último parágrafo deverá fazer referência ao(s) objetivo(s) central(ais) do artigo ou à finalidade do trabalho. Na Tabela 1, demonstram-se algumas das expressões mais comuns que se podem encontrar na escrita científica em inglês relativamente a esta secção, acompanhadas da respetiva tradução em português.



Tabela 1. Expressões em inglês passíveis de serem utilizadas na “introdução” de um artigo

	Exemplos de expressões comuns
Introduction	<ul style="list-style-type: none">- <i>According to ...</i> [De acordo com ...]- <i>Regarding ...</i> [Quanto à/ao ...]- <i>It is common knowledge that ... / The literature shows that ... / There is evidence that ...</i> [É bem conhecido/sabido que ... / A literatura mostra que ... / Há evidência de que ...]- <i>Many studies have shown that ...</i> [Muitos estudos têm mostrado que ...]- <i>On the one hand... on the other hand, ...</i> [Por um lado, ... por outro ...]- <i>Another study by ...</i> [Outro estudo por ...]- <i>Several studies suggest / confirm / replicate</i> [Diversos estudos sugerem / confirmam / replicam ...]- <i>As posited by ...</i> [Como postulado por ...]- <i>Other authors emphasize / stress / point out ...</i> [Outros autores realçam / destacam ...]- <i>To our knowledge, ...</i> [Que seja do nosso conhecimento, ...]
Hypotheses	<ul style="list-style-type: none">- <i>It is expected that...</i> [É esperado que ...]- <i>We hypothesize that...</i> [Nós hipotetizamos que ...]
Objectives / aims	<ul style="list-style-type: none">- <i>The major goal / aim / the purpose of the current study is ...</i> [O objetivo principal / propósito do presente estudo é ...]... <i>to conduct / conducting</i> [realizar / conduzir]... <i>to carry out / carrying out</i> [levar a cabo]... <i>to perform / performing</i> [levar a cabo]... <i>to examine / examining</i> [examinar]... <i>to observe / observing</i> [observar]... <i>to address / addressing</i> [abordar]... <i>to analyze / analyzing</i> [analisar]... <i>to develop / developing</i> [desenvolver]... <i>to provide / providing</i> [fornecer]... <i>to construct / constructing</i> [construir]... <i>to test / testing</i> [testar]



5.5. Método (*Methods / Methodology*) – A metodologia ou o método de um artigo descreve os principais passos levados a cabo para a execução da investigação. Geralmente, dentro deste tópico existem subsecções, a saber: Participantes (*Participants*), Medidas / Instrumentos (*Measures / Instruments*), Procedimentos (*Procedures*) e Análise de dados / Análise estatística (*Data analysis / Statistical analysis*). Na Tabela 2, demonstram-se algumas das expressões mais comuns que se podem encontrar na escrita científica em inglês relativamente a esta secção.

Tabela 2. Expressões em inglês passíveis de serem utilizadas na secção dos “métodos” de um artigo

Methods	Exemplos de expressões comuns
- Participants	- <i>Two hundred and seventy-three participants were recruited for the study</i> [Para este estudo, foram recrutados 273 participantes ...] - <i>Data were collected from 837 patients / students</i> [Foram recolhidos dados de 837 doentes / estudantes ...]
- Measures / Instruments	- <i>The scale consists of 10 items ...</i> [A escala é constituída por 10 itens ...] - <i>The GSES comprises seven items measured on a three-point Likert-type scale</i> [A GSES é composta por sete itens medidos numa escala de tipo <i>Likert</i> de três pontos] <i>For the current study, the Cronbach’s alpha was ...</i> [Para o presente estudo, o valor do alfa de Cronbach foi de ...]
- Procedure	- <i>The total sample was divided into two subgroups</i> [A amostra total foi dividida em dois grupos...] - <i>Participants had access to the results of the research upon completion of the study</i> [Os participantes tiveram acesso aos resultados da investigação após a conclusão do estudo]
- Data analysis	- <i>to calculate</i> [calcular] - <i>to compute</i> [computar / calcular] - <i>the assumption of normality distribution was met</i> [O pressuposto da normalidade da distribuição foi cumprido] - <i>All interviews were transcribed by the researchers and analyzed using the WebQDA 3.0 / NVivo 12 software</i> [Todas as entrevistas foram transcritas pelos investigadores e analisadas com recurso ao software WebQDA 3.0 / NVivo 12] - <i>All analyses were performed using the IBM SPSS software statistical package (version 27).</i> [Todas as análises foram realizadas com o pacote estatístico IBM SPSS].

5.6. Resultados (*Results*) – A secção dos resultados visa apresentar e descrever os principais resultados obtidos com o estudo, normalmente acompanhados por tabelas e gráficos com dados numéricos. Na Tabela 3, demonstram-se algumas das expressões mais comuns que se podem encontrar na escrita científica em inglês relativamente a esta secção.



Tabela 3. Expressões em inglês passíveis de serem utilizadas na secção dos “resultados” de um artigo

	Exemplos de expressões comuns
Results	- <i>As observed in Table X, ...</i> [Como se pode observar/verificar na Tabela X, ...]
	- <i>As observed in Figure X, ...</i> [Como pode ser observado/verificado na Figura X, ...]
	- <i>Data show that ...</i> [Os dados mostram que ...]
	- <i>Concerning / regarding / As to ...</i> [No que respeita a ...]
	- <i>Regarding the correlation analyses, ...</i> [Quanto às análises de correlação, ...]
	- <i>X is correlated with Y</i> [X está relacionado com Y ...]
	- <i>To a certain degree / extent, the findings ...</i> [Em certa medida, os resultados ...]
	- <i>As shown in Figure X, ...</i> [Como se mostra na Figura X, ...]
	- <i>As illustrated in Table X, ...</i> [Como ilustrado na Tabela X, ...]
	- <i>Table X depicts, ...</i> [A Tabela X retrata / ilustra ...]
	- <i>Men exhibited lower levels of self-reported depression than women</i> [Os homens exibiram níveis mais baixos de depressão autorreportada do que as mulheres ...]
	- <i>Greater than ...</i> [Maior que ...]
	- <i>Higher than... [Mais elevado que ...]</i>
	- <i>Increases [aumenta ...]*</i>
	- <i>Decreases [diminui ...]*</i>
	* Este verbo é frequentemente mal utilizado. Vejamos em que medida difere o verbo “increase” de outros com significado semelhante: “to increase” → aumentar, tornar maior em número, grau ou tamanho (e.g., <i>the prevalence of the disorder has increased in the last years</i>) “to enhance” → adicionar valor a alguma coisa que já é boa (e.g., <i>Serious games enhanced the learning curve of the children</i>) “to improve” → melhorar, mudar de nível, de qualidade (e.g., <i>Cognitive training improved patient’s condition</i>)
	- <i>Above the cut-off point ... [acima do ponto de corte ...]</i>
	- <i>Below the cut-off point ... [abaixo do ponto de corte ...]</i>
	- <i>In evaluating the total sample ... [Ao avaliar a amostra total...]</i>
	- <i>It was found that ... [Foi descoberto / encontrado...]</i>



5.7. Discussão (Discussion) – Na parte da discussão pretende-se que os autores relacionem os dados que obtiveram com os dados que foram analisados na revisão da literatura e que estarão na sua maioria indicados na introdução do artigo. Por norma, esta secção contempla as limitações do estudo bem como sugestões para investigações futuras. Na Tabela 4, demonstram-se algumas das expressões mais comuns que se podem encontrar na escrita científica em inglês relativamente a esta secção.

Tabela 4. Expressões em inglês passíveis de serem utilizadas na secção da discussão de um artigo

	Exemplos de expressões comuns
Discussion	- <i>The key objectives of this study were ...</i> [Os objetivos centrais deste estudo foram ...]
	- <i>In general, it is observed that ...</i> [No geral, observa-se que ...]
	- <i>Overall, the results suggest ...</i> [No geral, os resultados sugerem ...]
	- <i>The results are in accordance / are congruent with ...</i> [Os resultados estão de acordo / são congruentes / estão em conformidade com ...]
	- <i>The values of _____ were identical to the ones found in the study by ...</i> [Os valores de _____ foram semelhantes àqueles encontrados no estudo de ...]
	- <i>It is worth mentioning that ...</i> [Vale a pena mencionar / é importante referir que ...]
	- <i>As previously mentioned ...</i> [Como anteriormente / previamente mencionado / referido ...]
	- <i>It should be noted that ...</i> [Deve ser notado / destacado / realçado que ...]
	- <i>These results provide insight into the issue of X</i> [Estes resultados fornecem informação acerca do assunto X]
	- <i>These findings shed light / cast light on the issue of X</i> [Estes resultados dão algum esclarecimento acerca do assunto X]
	- <i>The results underscore the fact that ...</i> [Os resultados sublinham o facto de ...]
	- <i>It is particularly interesting that ...</i> [É particularmente interessante que ...]
	- Limitations
- Future studies	- <i>It is important that future research ...</i> [Será importante que estudos futuros ...]
	- <i>Further research should ...</i> [Investigações futuras deverão ...]





- Conclusion	<ul style="list-style-type: none">- <i>Overall, ...</i> [No geral, ...]- <i>In general, ...</i> [Em geral, ...]- <i>In sum, ...</i> [Em suma, ...]- <i>In conclusion, ...</i> [Em conclusão, ...]- <i>Concluding, ...</i> [Concluindo, ...]
---------------------	---

5.8. Referências (*References*) – Na área da psicologia e da educação, a norma é utilizar-se o sistema APA (American Psychological Association [APA], 2020). No entanto, existem outros sistemas que poderão ser exigidos aos autores (e.g., Vancouver e Harvard). É importante que o investigador esteja consciente dos vários formatos e seja coerente ao longo do seu documento com o estilo pretendido. Programas de gestão de referências bibliográficas como os já mencionados no tópico #8 do ponto 4 do presente trabalho poderão constituir uma ajuda importante.

5.9. Agradecimentos (*Acknowledgements*) – Este é o bloco de texto no qual os autores expressam o seu agradecimento a pessoas ou instituições pelo apoio ao trabalho realizado. Exemplos de frases que podem ser redigidas nesta secção são: “*The authors are grateful to Dr. X for his useful comments*”; “*The authors would like to thank to all the students and teachers who made possible the data collection / for their co-operation*”.

5.10. Declaração de interesses (*Disclosure of interests*) – Esta é uma secção obrigatória que, normalmente, tem um texto predefinido consoante a política editorial das revistas.

5.11. Anexo/Anexos (*Appendix / Appendices*) – Embora não obrigatória, esta secção encontra-se no próprio documento do artigo, geralmente após as referências. Na área da psicologia e da educação, por exemplo, pode ser útil para apresentar um questionário ou a sua tradução (no caso da validação de uma escala para outro país).

5.12. Material suplementar (*Supplementary material*) – Todo o material que seja relevante para o leitor do artigo, mas que devido à sua extensão não seja passível de ser integrado no corpo principal do artigo, pode ser colocado num documento à parte que os leitores interessados poderão descarregar num formato pdf ou docx, por exemplo. Na área da educação é comum apresentar transcrições de entrevistas.

6. “Erros” frequentes na escrita científica em inglês

Existe uma variedade de erros comuns na escrita científica em inglês (ainda que muitos deles sejam transversais à escrita científica em geral) que poderão ser resolvidos de maneira simples, a partir do momento em que os autores estejam conscientes dos mesmos (Miller, 2014; Rosnow & Rosnow, 2012). Ainda que não possamos ser exaustivos, apresentamos algumas expressões e erros mais frequentes, assim como possíveis estratégias para lidar com os mesmos (cf. Tabela 5).



Tabela 5. “Erros” mais frequentes e propostas de resolução

“Erros” frequentes	Como solucionar?
- Linguagem informal	<i>Exemplo:</i> “kids” → “children” “wrong / right” → “incorrect / correct” “enough” → “sufficient” “whole” → “entire”
- Uso excessivo e/ou omissão de “the” e “that”	Um hábito difícil de ultrapassar para o investigador português que escreve em inglês é usar demasiados “the” e “that” que, na maior parte das vezes, são omitidos na escrita em inglês (Marlow, 2014). É importante estar consciente deste problema e solicitar apoio de alguém com conhecimentos técnicos em inglês. De referir que um outro problema se prende com a omissão destas palavras quando, de facto, são necessárias.
- Uso de contrações	Na escrita académica, os autores não deverão recorrer ao uso de contrações (que é habitual em linguagem mais informal) <i>Exemplo:</i> “don’t” → “do not” “isn’t” → “is not” “shouldn’t” → “should not”
- Uso de “ <i>phrasal verbs</i> ”	Na escrita académica, os autores deverão evitar ou minimizar o uso de “ <i>phrasal verbs</i> ” (que é habitual em linguagem mais informal). <i>Exemplo:</i> “go up” → “increase” “asked for” → “requested” “find out” → “determine” “looks into” → “investigate”
- Repetição excessiva de palavras	É importante que os investigadores utilizem sinónimos das expressões a que mais recorrem em inglês de maneira a imprimir riqueza à sua escrita. Algumas sugestões muito utilizadas: - <i>pertaining to ... / concerning ... / regarding ... / as far as ___ is concerned ...</i> (todas estas palavras significam “no que concerne ou no que diz respeito a...”) - <i>moreover... / besides... / furthermore... / further... / in addition to...</i> (todas estas palavras significam “para além disso”) - <i>in spite of... / despite... / notwithstanding... /</i> (todas estas palavras significam “apesar de”) - <i>therefore... / thus ... / hence ... / consequently ...</i> (todas estas palavras significam “portanto ou em consequência de...”) - <i>article / paper / manuscript / work*... /</i> (todas estas palavras significam “artigo” ou o trabalho que estamos a apresentar ou, eventualmente, a citar, de outros autores)





	<p>* “work” é uma palavra que, geralmente, os autores nativos não utilizam para se referirem a “artigo”; no entanto, se a expressão usada for “<i>in the work reported here</i>” em vez de “<i>in this work</i>”, ganha o sentido de trabalho apresentado dentro do artigo científico.</p> <p>- <i>authors / researchers / investigators</i> / (todas estas palavras significam autores ou investigadores)</p>
--	--

Tabela 5. “Erros” mais frequentes e propostas de resolução (cont.)

“Erros” frequentes	Como solucionar?
- Voz ativa vs. Voz passiva	<p>Por norma, a utilização da voz passiva na construção frásica em inglês é considerada “<i>weak English</i>” (Marlow, 2014). Exemplo disso é o facto de o nosso processador de texto sugerir correções quando deteta voz passiva nos textos. Na verdade, a utilização da voz passiva, pela sua simplicidade, tem sido adotada na escrita científica, muito em particular quando se descreve a metodologia de um artigo científico (Hesson, 2015).</p> <p>Exemplo:</p> <p>Português: «<i>Calculámos médias e desvios-padrão para os dois grupos</i>».</p> <p>“Voz ativa”: «<i>The researchers calculated means and standard deviations for both groups</i>».</p> <p>“Voz passiva”: «<i>Means and standard deviations were calculated for both groups</i>».</p>
- Uso conjunto do “ <i>British English</i> ” e do “ <i>American English</i> ”	<p>Uma das gralhas mais frequentes encontradas em manuscritos em inglês prende-se com a utilização simultânea do inglês britânico e do inglês americano. Por exemplo, se estamos a escrever utilizando o “<i>British English</i>”, deveremos escrever “<i>behaviour</i>” e não “<i>behavior</i>”. Do mesmo modo, a disciplina Matemática, de acordo com o “<i>British English</i>” deverá escrever-se “<i>maths</i>”, e não “<i>math</i>” como no “<i>American English</i>” ou ainda a palavra “<i>amongst</i>” e “<i>among</i>” que são utilizadas no inglês britânico e americano, respetivamente. Outro exemplo bastante recorrente é o dos verbos terminados em “-ise” vs. “-ize”. Outro exemplo é “<i>acknowledgement</i>” e “<i>acknowledgment</i>”. A ideia fundamental será seguir uma linha coerente dentro do mesmo texto. A maior parte das revistas pede que se utilize ou um ou outro, embora existam revistas que privilegiem uma variante em detrimento da outra.</p>
- Começar uma frase com dígitos	<p>Exemplo:</p> <p>Incorreto: «<i>279 participants took part in the current study</i>».</p> <p>Correto: «<i>Two hundred and seventy-nine participants took part in the current study</i>».</p>



- Exagero dos resultados através de palavras (“overstatement”)	Evitar o uso de palavras como “never”, “always”, “completely”, “fully”, “only”, “everyone”, “absolutely”, “definitely”, “clearly”, “undoubtedly”, “certainly” e “surely” (Hesson, 2015).
--	--

Tabela 5. “Erros” mais frequentes e propostas de resolução (cont.)

“Erros” frequentes	Como solucionar?
- Tradução literal de expressões da língua portuguesa para o inglês	<p>Este é, talvez, o maior desafio com que o autor se depara: a tendência para traduzir literalmente para o inglês expressões do português.</p> <p>Exemplos (retirados de Hesson, 2015):</p> <p>Incorreto: «<i>These findings are in concordance to other studies</i>».</p> <p>Correto: «<i>These findings are consistent with other studies</i>».</p> <p>Incorreto: «<i>With base in these findings, ...</i>».</p> <p>Correto: «<i>Based on these findings, ...</i>».</p> <p>Nesta linha, chama-se particular atenção para alguns erros ortográficos que poderão ser frequentes como no caso de “especificamente”: “<i>Especifically</i>”[incorreto] → “<i>Specifically</i>” [correto]</p>
- Complexificação da linguagem	<p>Note-se que a linguagem científica que deve nortear um artigo científico deverá ser clara, objetiva e direta. Assim, o investigador deverá ser o mais simples possível nas palavras e expressões a usar. Vejamos alguns exemplos de simplificação de linguagem, ou aquilo que é conhecido como escrever em “<i>Plain English</i>” (i.e., substituir expressões complexas por expressões mais simples):</p> <p>«<i>in order to ...</i>» → «<i>to</i>» «<i>for the reason that ...</i>» → «<i>because</i>» «<i>at the present moment ...</i>» → «<i>now</i>» «<i>the majority ...</i>» → «<i>most</i>»</p> <p>Outros Exemplos (retirados de Hesson, 2015):</p> <p>«<i>Considering the fact that ...</i>» → «<i>because</i>» «<i>with the aim of evaluating ...</i>» → «<i>to evaluate</i>» «<i>It is frequently the case that ...</i>» → «<i>often</i>» «<i>For this reason ...</i>» → «<i>consequently</i>»</p>



<p>- Utilização inadequada de palavras ortograficamente semelhantes</p>	<p>O investigador deverá estar atento para não confundir significados e/ou grafias de palavras que se escrevem de forma muito semelhante. Vejamos um exemplo frequente:</p> <p>“<i>through</i>” → através, por intermédio “<i>thorough</i>” → cuidadoso, completo “<i>though</i>” → contudo, não obstante</p>
<p>- Pronomes possessivos em inglês ou o “problema” de onde colocar o apóstrofo</p>	<p>Este é um tópico muito permeável a erros pelo que deixamos aqui um exemplo simples:</p> <p>- O apóstrofo deve ser colocado <u>antes</u> do “s” se disser respeito a um único objeto, pessoa, proprietário: Exemplo: <i>The patient’s score</i> → 1 resultado de 1 pessoa [O resultado do doente] <i>The patient’s scores</i> → vários resultados de 1 pessoa [Os resultados do doente]</p> <p>- O apóstrofo deve ser colocado <u>depois</u> do “s” se disser respeito a mais do que um objeto, pessoa, proprietário: Exemplo: <i>The patients’ score</i> → 1 resultado de várias pessoas [O resultado dos doentes] <i>The patients’ scores</i> → vários resultados de várias pessoas [Os resultados dos doentes]</p>
<p>Quando usar os pronomes relativos “<i>who</i>”, “<i>which</i>” e “<i>that</i>”?</p>	<p>Quando escrevemos em inglês, independentemente do género de texto produzido, existem palavras que inevitavelmente teremos de usar frequentemente.</p> <p>Os pronomes relativos mencionados, podem ser traduzidos por “que” em português em múltiplos contextos. Vejamos alguns exemplos.</p> <p>O pronome relativo “<i>who</i>” deve ser usado quando nos referimos a pessoas:</p> <p>Exemplo: “<i>The questionnaire was filled out by all individuals who scored greater than 5 points in the PSQI</i>”. [O questionário foi preenchido por todos os indivíduos que pontuaram acima de 5 pontos no PSQI].</p> <p>“<i>Charles Morin was the author who developed the ISI</i>”. [Charles Morin foi o autor que desenvolveu a ISI].</p> <p>Já o pronome relativo “<i>which</i>” deve ser usado sempre que nos referimos a objetos ou conceitos:</p>



<p>Exemplo: <i>"All the scales which included missing data were discarded from the protocol".</i> [Todas as escalas <u>que incluíam dados omissos</u> foram retiradas do protocolo].</p> <p>Nos exemplos acima, os pronomes relativos estão a ser usados em frases em que toda a informação é necessária (aquilo que em Inglês se denomina por "<i>Defining relative clauses</i>", e nestes casos, ambos os pronomes relativos ("<i>who</i>" e "<i>which</i>") podem ser substituídos pelo pronome relativo "<i>that</i>", que não altera o significado, nem a gramaticalidade das frases.</p> <p>Exemplo: <i>"All the scales <u>that included missing data</u> were discarded from the protocol".</i> [Todas as escalas que incluíam dados omissos foram retiradas do protocolo].</p> <p>Todos os exemplos apresentados até aqui constituem exemplos das mencionadas "<i>Defining relative clauses</i>", em que toda a informação é necessária; veja-se, por exemplo, a última frase, em que se retirássemos o texto que se encontra a sublinhado da frase, daríamos a entender que todas as escalas foram retiradas do protocolo, e não apenas as que incluíam dados omissos.</p> <p>Todavia, se pretendemos acrescentar informação extra, sendo que esta informação não é absolutamente necessária para a compreensão da mensagem, então poderemos recorrer a uma "<i>Non-defining relative clause</i>", uma frase que estruturalmente se diferencia das até agora apresentadas, por incluir a informação introduzida pelo pronome relativo entre vírgulas.</p> <p>Exemplo: <i>"Some of the scales, which included missing data, were discarded from the protocol".</i> [Todas as escalas, que incluíam dados omissos, foram retiradas do protocolo] – sendo que neste caso, todas as escalas foram retiradas, porque todas continham dados omissos, e portanto essa informação não é relevante para a compreensão da mensagem, apenas informativa.</p> <p>Nas "<i>Non-defining relative clauses</i>", os pronomes relativos "<i>who</i>" e "<i>which</i>" não podem nunca ser substituídos pelo pronome relativo "<i>that</i>".</p> <p>Assim sendo, poderá ser mais útil aos autores mais inexperientes na formulação deste tipo de estruturas centrarem-se apenas no uso dos pronomes relativos "<i>who</i>" e "<i>which</i>", numa fase inicial, uma vez que estes pronomes relativos podem ser usados corretamente quer nas "<i>Defining Relative Clauses</i>" quer nas "<i>Non-defining relative clauses</i>", evitando assim potenciais erros.</p>



	<p>Para saber mais sobre este tipo de estruturas aconselha-se o estudo da informação apresentada no sítio do British Council, por ser uma fonte segura e com informação analisada por especialistas e docentes da Língua Inglesa:</p> <ul style="list-style-type: none">- sítio Web para as “<i>Defining</i>”: https://learnenglish.britishcouncil.org/grammar/intermediate-to-upper-intermediate/relative-clauses-defining-relative-clauses;- sítio Web para as “<i>Non-defining</i>”: https://learnenglish.britishcouncil.org/grammar/intermediate-to-upper-intermediate/relative-clauses-non-defining-relative-clauses].
--	--

Importa referir que algumas das questões apontadas não se referem a erros propriamente ditos, mas mais à escrita de um “*weak English*” comparativamente a um “*strong English*” (Marlow, 2014).

7. Faz sentido escrever sempre em inglês?

Temos vindo a argumentar ao longo deste trabalho que a escrita em inglês representa uma mais-valia para o investigador e para a comunidade científica (Hesson, 2015). No entanto, existirão casos em que o artigo poderá (e até deverá) ser escrito na língua nativa do investigador (e.g., português). Este ponto assenta essencialmente em duas razões: (1) existem investigações que retratam aspetos específicos da população portuguesa e que não faz tanto sentido que sejam publicados internacionalmente e (2) existe a possibilidade de divulgação de textos e pósteres em congressos e livros de atas que poderão servir para recolher *feedback* e melhorar os trabalhos que, posteriormente, poderão servir de publicação mais desenvolvida (*full-text*) a ser escrita em inglês.

8. Recursos úteis para o investigador

Nesta secção elencamos alguns recursos úteis que poderão auxiliar o investigador que escreve regularmente em inglês.

- “Writefull”™ – É uma aplicação cuja base de dados se apoia na correção da escrita científica em inglês. Para além desta funcionalidade, possibilita ao utilizador ouvir o texto escrito, traduzir os seus textos para inglês, pesquisar sinónimos, entre outras ferramentas de apoio para a construção e correção de um texto escrito em inglês (Castro et al., 2020).
- Grammarly™ – Uma extensão que pode ser associada ao Gmail, Outlook, Google Docs e redes sociais, corrigindo a escrita a nível de gramática e ortografia.
- PoolText™ – Esta é uma plataforma recente desenvolvida por investigadores da Universidade de Harvard e do Massachusetts Institute of Technology (MIT) que permite aos autores receber convites dos editores das revistas após a sua submissão neste sistema. De referir que esta é uma plataforma de acesso livre sem quaisquer custos para o investigador (<https://www.pooltext.com>).





- Journal of English for Academic Purposes – Esta revista publica vários tipos de documentos (e.g., artigos, relatórios de conferências, resenhas de livros...) sobre a descrição linguística, sociolinguística e psicolinguística do inglês. Destacam-se os tópicos da formação de professores e metodologias de ensino.
- Sítio de apoio à escrita em inglês da SpringerNature para auxiliar os autores: <https://www.springernature.com/gp/authors/campaigns/writing-in-english>
- Manuais úteis para a escrita científica em inglês – Os livros de Beins e Beins (2012) e de Sternberg e Sternberg (2010) são duas referências importantes para quem quer escrever na área da psicologia e educação. Por outro lado, existem manuais específicos que ajudam os investigadores a escrever textos científicos em inglês independentemente da área científica. Neste âmbito destacamos os livros de Hesson (2015), Howe e Henriksson (2007), Skern (2009) e Wallwork (2016).

Conclusões

Este trabalho fornece dicas e orientações úteis para facilitar a redação de artigos em língua inglesa. Nesse sentido, foi pensado para os estudantes de mestrado e doutoramento (por norma, jovens investigadores) que têm de realizar as suas dissertações e teses. Logicamente, o facto de um artigo científico ser redigido em inglês não garante a qualidade do mesmo. Da mesma que existem bons e maus artigos escritos em português, existem, de igual modo, artigos bem e mal escritos em inglês (Marlow, 2014). Esperamos que este trabalho possa ser de utilidade principalmente para os investigadores em início de carreira, incentivando-os para as potencialidades de escrever artigos científicos em inglês. Dadas as exigências descritas e a pressão sentida para a publicação em revistas internacionais com fator de impacto, é imprescindível investir na competência escrita (em inglês) dos jovens investigadores. Estes suportes podem-se configurar em formato de disciplinas opcionais ou até serem incluídos em seminários, por forma a incentivar os investigadores a iniciarem a sua carreira de publicação em revistas internacionais, divulgando as suas investigações com o objetivo de atingir um público mais amplo (Rezaeian, 2015).

O desafio de escrever bem em inglês em publicações científicas é muito bem ilustrado nas palavras de Marlow (2014): “Can you identify a single colleague who has not had a manuscript returned with the comment “needs to be reviewed by a native English speaker”?” (p. 153). Com este artigo pretende-se diminuir a probabilidade de o leitor receber comentários deste tipo.

Agradecimentos

Os autores gostariam de agradecer aos revisores anónimos pelas valiosas sugestões e comentários ao presente artigo. Patrícia Christine Silva é bolsreira de doutoramento pela FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto SFRH/BD/143370/2019.





Referências

- Ädel, A., & Erman, B. (2011). Recurrent word combinations in academic writing by native and non-native speakers of English: A lexical bundles approach. *English for Specific Purposes*, 31, 81-92. <https://doi.org/10.1016/j.esp.2011.08.004>
- American Psychological Association. (2020). *Publication manual of the American Psychological Association: The official guide to APA style* (7th ed.). APA.
- Ammon, U. (2012). Linguistic inequality and its effects on participation in scientific discourse and on global knowledge accumulation – with a closer look at the problems of the second-rank language communities. *Applied Linguistics Review*, 3(2), 333–355. <https://doi.org/10.1515/applirev-2012-0016>
- Araújo e Sá, M. H., & Pinto, S. (2020). Introduction: language management, ideologies and practices in scientific research. *European Journal of Higher Education*, 10(3), 223-230. <https://doi.org/10.1080/21568235.2020.1777452>
- Beins, B., & Beins, A. (2012). *Effective writing in psychology: Papers, posters and presentations* (2nd ed.). Wiley-Blackwell.
- Blackwell, J., & Martin, J. (2011). *A scientific approach to scientific writing*. Springer.
- Bennet, K. (2015). Towards an epistemological monoculture: Mechanisms of epistemicide in European research publication. In R. Alastrue & C. Perez-Llantada (Eds.), *English as a scientific and research Language: Debates and discourses* (pp. 9–36). De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9781614516378-004>
- Castro, J., van Zeeland, H., Villar, A., Ramos, J., Garnier, M., Laqua, S., & Shalit, L. (2020). Writefull for Word [Computer software]. Digital Science. <https://writefull.com/>
- Clemens, A. (2021, May 15). Being a non-native English speaker matters less than you think when it comes to writing great scientific papers. https://www.annaclemens.com/blog/non-native-english-speaker-write-scientific-paper?fbclid=IwAR0Ub6tiqTDapJ_Cgt_qLrmZn_kO8AQG3mRvXasbnIqudNRuC99qgVnRwA
- Dicionário da Língua Portuguesa. (2015). Porto Editora.
- Dweck, C. (2006). *Mindset: The new psychology of success*. Random House.
- Gottesman, I., & Hanson, D. (2015). Human development: Biological and genetic processes. *Annual Review of Psychology*, 56, 263-286. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.56.091103.070208>
- Guilford, W. H. (2001). Teaching peer review and the process of scientific writing. *Advances in Physiology Education*, 25, 167-175. <https://doi.org/10.1152/advances.2001.25.3.167>
- Hamel, R. (2007). The dominance of English in the international scientific periodical literature and the future of language use in science. *AJLA Review*, 20, 53–71. <https://doi.org/10.1075/aila.20.06ham>
- Hesson, J. (2015). *English for research papers: A handbook for Brazilian authors*. <https://www.amazon.com.br/English-Research-Papers-Handbook-Brazilian-ebook/dp/B00GPT0FXW>
- Howe, S., & Henriksson, K. (2007). *PhraseBook for writing papers and research in English* (4th ed.). The Whole World Company Press.
- Hyland, K. (2016). Academic publishing and the myth of linguistic injustice. *Journal of Second Language Writing*, 31, 58-69. <https://doi.org/10.1016/j.jslw.2016.01.005>
- Lindsay, D. (2011). *Scientific writing = thinking in words*. CSIRO Publishing
- Ludi, G. (2015). Monolingualism and multilingualism in the construction and dissemination of scientific knowledge. In U. Jessner & C. Kramersch (Eds.), *The multilingual challenge. Interdisciplinary perspectives* (pp. 213–238). Berlin: de Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9781614512165-011>





- Macdonald, K., Germine, L., Anderson, A., Christodoulou, J., & McGrath, L. (2017). Dispelling the myth: Training in education or neuroscience decreases but does not eliminate beliefs in neuromyths. *Frontiers in Psychology*, 8, e1314. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01314>
- Mamiya, P., Richards, T., Coe, B., Eichler, E., & Kuhl, P. (2016). Brain white matter structure and COMT gene are linked to second-language learning in adults. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 201606602. www.pnas.org/cgi/doi/10.1073/pnas.1606602113
- Marlow, M. (2014). Writing scientific articles like a native English speaker: Top ten tips for Portuguese speakers. *Clinics*, 69, 153-157. [https://doi.org/10.6061/clinics/2014\(03\)01](https://doi.org/10.6061/clinics/2014(03)01)
- Miller, S. (2014). *Writing in psychology*. Routledge.
- Neves, P., & Guerra, R. (2015). *Teses em ciências sociais: Dicas muito práticas*. Edições Sílabo.
- Oliveira, T., Freire, A., Carvalho, C., Azevedo, M., Freire, S., & Baptista, M. (2009). Compreendendo a aprendizagem da linguagem científica na formação de professores de ciências. *Educar em revista*, 34, 19-33. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602009000200002>.
- Paltridge, B. (2004). Academic writing. *Language Teaching*, 37(2), 87-105. <https://doi.org/10.1017/S0261444804002216>
- Pinto, S. & Araújo e Sá, M. H. (2020). Scientific research and languages in Portuguese Higher Education Institutions. *Language Problems and Language Planning*, 44(1), 20-44. <https://doi.org/10.1075/lplp.00054.pin>
- Rawat, S., & Meena, S. (2014). Publish or perish: Where are we heading? *Journal of Research in Medical Sciences*, 19, 87-89.
- Rezaeian, M. (2015). Disadvantages of publishing biomedical research articles in English for non-native speakers of English. *Epidemiology and Health*, 37: e2015021. <http://dx.doi.org/10.4178/epih/e2015021>
- Roenneberg, T. (2012). *Internal time: Chronotypes, social jet lag, and why you're so tired*. Harvard University Press.
- Rosnow, R., & Rosnow, M. (2012). *Writing papers in psychology* (9th ed.). Wadsworth CENGAGE Learning.
- Sarah, C., Victor, G., & Neville, C. (2019). WASP (Write a Scientific Paper): The use of bibliographic management software. *Early Human Development*, 128, 118-119. <https://doi.org/10.1016/j.earlhumdev.2018.09.012>
- Schuster, E., Levkowitz, H., & Oliveira Jr., O. (Eds.). (2014). *Writing scientific papers in English successfully: Your complete roadmap*. hyp rtek.com, inc.
- Silva, C., Nossa, P., Silvério, J., & Ferreira, A. (2008). *Incidentes críticos na sala de aula: Análise comportamental aplicada (ACA)* (2.ª ed.). Quarteto Editora.
- Silvia, P. (2015). *Write it up: Practical strategies for writing and publishing journal articles*. American Psychological Association.
- Silvia, P. (2007). *How to write a lot: A practical guide to productive academic writing*. American Psychological Association.
- Singh, V., & Mayer, P. (2014) Scientific writing: Strategies and tools for students and advisors. *Biochemistry and Molecular Biology Education*, 42, 405-413. doi: 10.1002/bmb.20815
- Skern, T. (2009). *Writing scientific English: A workbook*. Facultas Verlags.
- Sternberg, R., & Sternberg, K. (2010). *The psychologist's companion: A guide to writing scientific papers for students and researchers* (5th ed.). Cambridge University Press.



- Tardy, C. (2004). The role of English in scientific communication: lingua franca or Tyrannosaurus rex? *Journal of English for Academic Purposes*, 3(3), 247-269. <https://doi.org/10.1016/j.jeap.2003.10.001>
- Todorov, J., & Moreira, M. (2015). O conceito de motivação na psicologia. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7, 119-132.
- Turner, J., & Leach, D. (2012). Behavioural activation therapy: Philosophy, concepts, and techniques. *Behaviour Change*, 29, 77-96. <https://doi.org/10.1017/bec.2012.3>
- Wallwork, A. (2016). *English for writing research papers* (2nd ed.). Springer.
- Zhao, J. (2017). Native speaker advantage in academic writing? Conjunctive realizations in EAP writing by four groups of writers. *Ampersand*, 4, 47-57. <https://doi.org/10.1016/j.amper.2017.07.001>